

# DECLARAÇÃO.

1780

**P**rometemos uma rellação circumstanciada dos assassi-  
natos perpetrados em Portugal por motivos politicos de-  
pois da Convenção d'Evora-Monte; e logo prevenimos que  
sómente nos limitariamos a reunir debaixo de um golpe de  
vista os que a **Imprensa**, mesmo liberal, tem publicado.  
Esta nossa prevenção teve por fim, primeiro, evitar que  
nos taxassem de exagerado; quando apresentassemos o es-  
pantoso numero de milhares de victimas, que tem secum-  
bido ao punhal assassino dos chamados liberaes: segun-  
do, accomodar a presente obra o horroroso, e sangui-  
nolento quadro das atrocidades que temos presenciado; e  
que devem provar ás Nações Estrangeiras o estado de pro-  
gresso e civilisação. a que nos levou o intruzo, e immo-  
ral Governo que ha cinco annos nos escravisa.

Com quanto porém nos limitassemos a extrahir do Dia-  
rio do Governo, Periodico dos Pobres, Nacional, Ecco,  
Alcance, e outros papeis publicos, o numero dos assassi-  
natos, achamos com tudo um resultado tão excessivo,  
que excedendo a quatro mil!! os que já tiuhamos apura-  
do; conhecemos que nos era impossivel poder publicar os  
nomes, e circusntancias atrozes de todos no presente Fo-  
lhetto; e por tanto resolvemos apresentar sómente o nume-  
ro de quinhentos, reservando para melhor occasião dar  
a publico uma completa rellação de todos, ainda mesmo  
dos que a **Imprensa** não tem publicado, para o que con-  
tinuamos em escrupulosas indagações.

A narração de todos os roubos, extorsões, violencias,  
incendios, e de toda a especie de crimes os mais horri-  
veis, que se tem commettido em Portugal depois que D.  
Pedro com o seu bando de Cannibaes nos invadio, é ob-  
jecto de grossos volumes; e a posteridade difficulosamente  
accreditará o que nós infelizmente temos soffrido desde es-  
sa epocha fatal. Quanto mais feliz teria sido a sorte de

Portugal se fosse conquistado por uma outra Nação, ou tivesse cebumbido á vencedora espada de qualquer ambição? A politica lhe aconselharia respeitar o caracter, os costumes, a Religião de uma Nação, que desejasse disfrutar, e pelo menos a Familia Portugueza não seria dilacerada pela feroicidade dos partidos; outro tanto porém não fez D. Pedro, e essa horda de Selvagens que com elle se bandeou. Nossa Religião acha-se no maior desprezo, e aviltamento; seus Ministros reduzidos á miseria, e á mendicidade vagueam por essas ruas cobertos de opprobrio sollicitando da mirrada mão da caridade o sustento de uma vida desgraçada.

Nossos Templos foram roubados, e nas praças estrangeiras se encontrão hoje as preciozidades, que os adornavam: Os Monumentos mais antigos, e respeitaveis da gloria e brio Nacional, destruidos; a Nação finalmente empenhadissima, e suas riquezas repartidas por meia duzia de revolucionarios, que assi proprios se appellidam regeneradores!! Que maiores males teriamos a esperar, se um Exercito de barbaros de outra regiam, e de outra crepça nos invadissem? talvez que no curto espaço de 4 mezes não fizessem tantas devastações, roubos e desacatos como se fizeram desde Janeiro até Abril de 1834, só em Lisboa nas Igrejas do Salvador, S. João da Praça, Bellem, Capella da Flor da Murta, S. Catarina, S. Mamede, e S. Martha!! Talvez não vissemos nas ruas da Capital acutilado á hora do dia um respeitavel Principe da Igreja, um virtuozo Prelado, o Sabio e honrado Bispo d' Elvas! sem que o infame Governo ao menos tomasse conhecimento de um cazo tão atroz e nunca visto em Portugal.

Talves não vissemos os incendios dos Conventos de S. Antonio de Penafiel, de Val de Piedade, de Salzedas, de S. Pedro das Aguias, da Abadia de S. Martinho do Campo, e da Igreja de Covello; os roubos do Mosteiro de Bustello, e do Convento de Grijol! Finalmente talvez não vissemos o domicilio, a propriedade, a vida de Portuguezes honrados e pacificos atacada impunemente, e debaixo da vista das mesmas auctoridades, como aconteceu ao benemerito Capitão Mor de Porto de Móz, que recolhendo debaixo da fé da convenção nessa mesma noite foi sua Casa assaltada, fazendo-lhe por espaço de trez horas um vivo fogo de similharia de que resultou serem crivadas



de ballas duas pessoas de sua respeitavel familia, cujas cicatrizes clamão ao Ceo vingança contra taes monstros de nova especie. Talvez... mas basta, tudo isto e muito mais temos visto depois que o Governo de Portugal cahio nas mãos dessa escoria dos revolucionarios do mudo, que ainda hoje nos oprimem. Mui longe iriamos se emprehessemos recontar todos os horrores que temos prezencaado, e actualmente estamos experimentando: è pois com justa razão que os liberaes nos applicam o apòdo de — Burros — sim, nós o accetamos se por tal elles entendem designar a nossa paciencia em os termos soffrido; a moderação com que nos portamos quando podiamos extinguir-lhe a raça infame; e finalmente a submissão comque hoje esperamos que a Providencia levante o açoute com que há sinco annos nos tem castigado, e que faça chegar a epoca de sacudir o vergonhozo jugo que nos oprime. *Veni Domine, et noli tardare; relaxa fácinora plebi tuæ, et revoca dispersos in terram suam.*

Devemos advertir, que na rellação dos assassinatos encontrão-se nomes de terras aonde não se cometerão, mas de donde forão enviadas as participações dos commetidos n'outros pontos, o que deve sanar a aparente inexactidão, e satisfazer ao mais escruplozo indagador a quem remetemos para os papeis publicos que já citamos.

Tãobem aproveitamos a presente — declaração — para ponderarmos a nossos Leitores as imensas dificuldades de todo o genero que tivemos a vencer para podermos imprimir este Folheto. Alem de avultadas dispezas, foi indispensavel procurar um logar ao abrigo de toda a suspeita e espionagem; prescendir de muitas couzas indispensaveis para a perfeição da obra, e limitar exclusivamente aos esforços e cuidados de um honrado Portuguez, que sem os necessarios utensilios, privado muitas vezes até do mais essencial se entregou ao improbo trabalho de dezempenhar simultaneamente o cargo de Compozitor e de Impressor pela vez primeira em sua vida, porque a mais nobre destino é chamado por sua qualidade, merecimentos, e educação. Merecem por tanto ser generosamente disculpados todos os erros Typograficos, e de orthografia, porque huns forão filhos da necessidade, e posição arriscada em que se estava; e outros do curto espaço de tempo que houve para a Traducção da obra, combinação com o original, e revisão de provas.

Preencheu-se o fim que tivemos em vista, que foi desmascarar por este meio a impostura e malevolencia de nossos verdugos, e fazer um serviço á cauza que adoptamos, e a nosso legitimo Rei o Sr. D. Miguel 1.º O Ceo permita que nosso trabalho consiga ao menos o dezemgano de alguns illudidos liberaes, que a tempo detestem um partido que faz a vergonha do Mundo civilizado.

*Do T.*